

O EXERCÍCIO ESCOLAR DE PRODUÇÃO TEXTUAL SOB AS LENTES DA TOPE REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DE CORPUS

Marilia Blundi Onofre¹

RESUMO: A reflexão que trazemos aqui se volta para a composição de *corpora* em um e para um contexto de ensino-aprendizagem de língua, tendo como referencial os fundamentos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), em especial na relação que esse quadro mantém com os princípios construtivistas. As nossas questões resultam da observação de ocorrências enunciativas presentes em redações escolares que, julgamos, caracterizam-se por se instalar entre o erro e a criatividade linguística. Tais ocorrências, identificadas pela recorrência nos textos escolares e, então, selecionadas como ocorrências típicas pelos mecanismos léxico-gramaticais-enunciativos nelas engendrados, constituem, a nosso ver, um sub *corpus* de trabalho referencial para o exercício da produção textual no ensino. O trabalho metodológico proposto faz-se pela observação das atividades epilinguísticas, linguísticas e metalinguísticas, na busca da articulação entre o empírico e o formal, por meio do espelhamento entre as glosas e as paráfrases linguísticas. Tais operações constituem-se pela construção de famílias parafrásticas, em um processo pelo qual os analistas, professor - aluno, dialogam por meio das marcas léxico-gramaticais discursivas retomando ou reorganizando os possíveis domínios nocionais em foco. Consideramos que seja nesse movimento que o enunciador consiga desenvolver-se como sujeito, refinando seus processos linguístico-cognitivos, tal como pretende o ensino de língua, à medida que assume o objetivo de promover o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos. E é nessa direção que pretendemos levantar *corpora* que sejam significativos para o exercício da produção de texto, por meio da articulação entre a atividade de linguagem e sua representação linguística.

Palavras-chave: Atividades epilinguística; linguística; metalinguística.

ABSTRACT: The reflection that we provide here turns to the composition of corpora in one and for a language teaching and learning context, taking as a reference the foundations of the Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE), especially in the relation that this framework has with constructivist principles. Our questions arise from the observation of enunciative occurrences found in school essays which, we believe, are characterized by an accordance between error and linguistic creativity. These occurrences, identified by the recurrence in school texts and, then, selected as typical occurrences by lexicogrammatical-enunciative mechanisms engendered in them, are, in our view, a sub corpus of reference work for the exercise of textual production in teaching. The proposed methodological work is done by observing epilinguistic, linguistic and metalinguistic activities in the search for articulation between the empirical and formal, by mirroring between glosses and linguistic paraphrases. These operations are made up of the construction of paraphrastic families in a process by which analysts (teacher-student) dialogue using discursive lexicogrammatical marks, resuming or reorganising the possible notional domains in focus. We believe that it is in this movement that the enunciator can develop as a subject, refining their linguistic-cognitive processes, as intended in language teaching, as long as the objective of promoting the development of students' discursive competence is assumed. Therefore, it is along these lines that we intend to analyse corpora that are meaningful to the exercise of text production, through articulation between language activity and its linguistic representation.

¹ Doutora em Linguística, Professora Associada do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Email: blundi@uol.com.br.

Key-words: epilinguistic, linguistic and metalinguistic activities

Princípios Teóricos

A teoria em que nos fundamentamos para o levantamento de *corpora* concebe a enunciação como uma atividade de construção de significação resultante de operações linguístico-cognitivas, que como tais associam fatores de ordem mental e social, considerados como fatores psicossociológicos. A linguagem, assim concebida, é gerada pelas operações de representação mental, de referenciação linguística e de regulação intersubjetiva. Entende-se, dessa forma, que a origem da enunciação está na possibilidade do sujeito apreender as operações da ordem da linguagem, onde se instauram as relações mentais, e materializá-las por processos de referenciação linguística, constituído pela imbricação de marcas linguísticas postas em relação pelo sujeito no processo dialógico. Ressalta-se, pelas operações citadas, o modo como o diálogo se constrói, o modo como as marcas linguísticas se engendram para significar, considerando que esses processos explicitam as operações subjacentes de linguagem. Esses processos de representação mental, embora sejam apontados como inacessíveis ao linguista, são centrais na TOPE, uma vez que são eles que sustentam os diálogos instaurados. A materialidade linguística a que temos acesso guarda em si esses processos, e é em busca de sua explicitação que os diálogos se constroem. Os sujeitos interlocutores procuram regular as suas representações, e nesse embate se dá o diálogo. Segundo Culioli (1990), a linguagem é indeterminada e ambígua, e os processos de construção de significação pelos sujeitos buscam desambiguizá-la por meio da manipulação das marcas linguísticas. (ONOFRE; SOSSOLOTE, 2015).

A intenção do autor, podemos dizer, é propor uma gramática geradora que leve em conta as possíveis modulações linguístico-enunciativas de uma dada língua, geradas pelas relações léxico-gramaticais. Suas preocupações centram-se no material linguístico, e, ainda que apontem para as relações psicossociais traduzidas pela enunciação, não é sobre elas que pretende diretamente responder. Culioli apresenta um modelo que rompe com a perspectiva de estudo de níveis linguísticos, nos quais se separam a morfologia, a sintaxe, a semântica e o discurso. Para tanto, tem como princípio uma hiper-sintaxe e o conceito de noção linguística, que se caracteriza por ser uma forma de concepção lexical que se constitui na relação com outras noções com as quais ela se compõe. Uma noção comporta um domínio nocional, ou seja, um conjunto aberto de traços semânticos que ganha contorno no processo de predicação/enunciação, quer dizer, na relação com outras noções. Esse processo é considerado uma tripla de noções, representado por <A R B>. Assim, uma vez enunciada, a noção tem estabelecido o seu interior, <ser A>, que somente será compreendido em relação com seu exterior <ser não-A>, e entre esses polos encontrar-se-á um espaço fronteiro <nem ser A nem ser não-A>. A noção apresenta-se, pois, sempre como uma possibilidade semântica que vai se estabilizar a partir das relações

entre as marcas linguísticas que concorrem em um enunciado. A delimitação da noção é o seu domínio nocional, que não se restringe a um conjunto de traços preestabelecidos ou predeterminados. Isso não significa, no entanto, que não haja uma certa estabilidade nocional, e essa estabilidade (nem tão fechada nem tão aberta) é traçada pela história de

ocorrência de uma noção nos universos discursivos em que ocorre. Em uma dada enunciação, um domínio nocional compõe-se em consonância com valores mais estabilizados, ou em dissonância com esses, mais sempre assumindo novos valores. Nesse processo de enunciação, as noções constituem-se a partir da instauração de marcas de quantificação e qualificação, de transitividade, de modalização, de temporalidade e aspectualidade, ou seja, da instauração de uma hiper-sintaxe.

As questões pertinentes a esse quadro teórico são aquelas que se organizam em torno dos processos intercambiáveis de linguagem. Propõe-se um lugar de invariância linguística (linguístico-cognitiva), graças ao qual se torna possível o intercâmbio entre as variantes linguísticas. Serão consideradas variantes linguísticas desde as diferentes produções linguísticas em uma mesma língua por um mesmo sujeito, até as produções em línguas estrangeiras. Nessa perspectiva, toda construção enunciativa constitui-se como um dado observável, e esse grande *corpus* pode moldar-se em outros *subcorpora*, por diferentes formas de agrupamentos, tendo em vista o que se objetiva responder. As várias possibilidades de respostas a que se buscam funcionam como orientadores do modo como o referencial teórico-metodológico será, ao mesmo tempo, compreendido e explorado ou aplicado, explicando-se mutuamente. Assim teoria e prática completam-se, formando uma unidade pela qual um polo explica-se pelo outro. Feitas tais considerações, passamos a exemplificar a nossa proposta de constituição de *corpora* a serem explorados no ensino de língua.

Constituindo *corpora* em contextos de ensino e aprendizagem de língua

Fundamentando-nos nas considerações apresentadas acima, discutiremos, então, o modo como configuramos nosso trabalho de pesquisa, e, por sua vez, nosso pretenso *corpus*.

Em minha trajetória na TOPE, alinhando-me, especialmente, com os trabalhos de Rezende (2008), identificam-se, pode-se dizer, três frentes de pesquisa sustentadas por esse quadro teórico, que se diferenciam, ainda que estejam em relação, pelos objetivos específicos almejados, e nesse sentido, cada uma delas se caracteriza por validar uma composição diferenciada de *corpus*. Entendemos que somente ao final das análises podemos delinear, razoavelmente, um *corpus*, que estaria, assim, no ponto de chegada, à medida que, inicialmente, aparece como um leque de possibilidades.

Primeiramente, há de se considerar que nosso trabalho volta-se para o exercício

de produção de texto de alunos de diferentes níveis de escolaridade, tendo em vista que tal exercício pretende promover o desenvolvimento da competência discursiva de alunos. Temos assim estabelecido nosso objetivo maior. No entanto, para atingi-lo, é preciso identificar ocorrências válidas para o seu desenvolvimento, e é aqui que citamos as três frentes de pesquisas, como caminhos diferentes para chegar a um *corpus* composto por *sub corpora*, à medida que se compõem por mecanismos diferenciados para suas formações. Passamos pois as exemplificações.

SUBCORPUS 1 – A noção de causalidade

A primeira dessas frentes, que identificaremos como *subcorpus* 1, teve como ponto de partida a observação da alta frequência de uma mesma marca gramatical com valores semânticos variados em textos escritos de alunos das séries iniciais (2ª e 3ª séries do ensino fundamental). Esse dado levou-nos a considerar esse conjunto de ocorrências como um *corpus* a ser observado. Depois de submetido às análises, esse *corpus* primeiro foi reconfigurado, compondo, pois, um *subcorpus*, delineado para ser explorado em sala de aula. O processo a que fizemos referência fez-se seguindo as etapas indicadas abaixo, seguidas de exemplificações:

1. Seleção de produções de textos:
Exemplo: Narrativas escritas, 2ª e 3ª séries do ensino fundamental;
2. Dado levantado nos textos analisados:
Exemplo: Presença preponderante da marca léxico-gramatical “E” (conjunção) nos textos de alunos das séries iniciais;
3. Hipótese levantada:
Exemplo: Esse dado poderia constituir-se como um indicador para a constituição de um *corpus* a ser trabalhado no ensino, tanto pela sua alta frequência de ocorrência quanto pelo seu valor enunciativo que nos levam à hipótese de que essa marca funcione como um operador léxico-gramatical argumentativo, e que, portanto, vai além dos variados valores gramaticais a que lhe são atribuídos.
4. Análise pelos parâmetros da TOPE:
Exemplo: Modelo de ocorrência analisada:

O lobo mau falava:
- Vou soprar, vou derrubar esta casa.
Soprou, soprou e a casinha não caiu (...)

Pré-construído: Soprou, soprou e daí?

Soprou, soprou e a casinha não caiu.

A partir da ocorrência assinalada acima, propuseram-se as seguintes paráfrases, concebidas a partir das relações invariantes de causalidade < A FAZ QUE B >, dado em < soprar, soprar FAZ QUE a casinha cair >, e, ao mesmo tempo geradas por diferentes possíveis pré-construídos:

Soprou, soprou, mas a casinha não caiu

Pré-construído: Como soprou, soprou, a casinha deve ter caído.

Soprou, soprou, mas a casinha não caiu

Apesar de ter soprado muito, a casinha não caiu

Pré-construído: Apesar de quê, a casinha não caiu?

Apesar de ter soprado muito, a casinha não caiu

A TOPE contribuiu para o reconhecimento dos valores causativos ou não causativos presentes nesses enunciados, pelos quais pudemos reconhecer, por meio da construção de famílias parafrásticas, a partir da ocorrência com a conjunção E, que os enunciados gerados apontam para uma organização enunciativa-argumentativa diferenciada, dado que cada um deles parte de um pré-construído diferenciado, o que significa que são construções que se tematizam diferentemente.

5. Reconfiguração do *Corpus* inicial:

Exemplo: Foram selecionadas ocorrências em que o emprego do E assume valor semântico concessivo, tendo em vista explorar as noções de causalidade e suas diferentes organizações argumentativas.

6. Confirmação da Hipótese levantada:

Exemplo: Construção de um *Subcorpus* 1 - sobre as noções de causalidade - a ser trabalhado na escola;

Pretendemos, com a amostragem desse subcorpus, tanto oferecer ao ensino um material de trabalho sobre as relações de causalidade e suas variações semântico-argumentativas, como indicar que, por meio da prática linguística de construção de famílias parafrásticas, geradas a partir de relações invariantes, seja possível que se operem mudanças linguístico-cognitivas significativas nos alunos.

Em síntese, podemos dizer que essa proposta de constituição de *corpus* parte de ocorrências presentes nos textos dos alunos, e essas, se verificadas típicas das produções de textos, e, ao mesmo tempo, mostrarem-se produtivas dadas às operações enunciativas pelas quais são engendradas, passam a ser referenciais para a composição de *corpus* a ser explorado no ensino.

SUBCORPUS 2: as noções de determinação-indeterminação do sujeito

Uma segunda frente a ser considerada para o estabelecimento de *corpus*, a que chamaremos *subcorpus 2*, toma como referente uma marca gramatical, seus valores prescritos segundo a gramática tradicional e sua recorrência em uma dada tipologia textual, que, como tal, também tem suas respectivas marcas. Esse dado levou-nos a considerar um conjunto de ocorrências como um *corpus* a ser observado. Depois de submetido às análises, este foi reconfigurado, compondo, pois, um *subcorpus*, possível de ser explorado em sala de aula. O processo a que fizemos referência fez-se seguindo as etapas indicadas abaixo, seguidas de exemplificações:

Seleção de produções de textos:

Exemplo: Ocorrências com a marca gramatical “Se” em função de pronome apassivador ou de índice de indeterminação do sujeito, presentes em estruturas dissertativas;

1. Dado levantado nos textos analisados:

Exemplo: O papel léxico-gramatical-enunciativo da marca “SE” em ocorrências em que se classificam, segundo a gramática tradicional, como pronome apassivador ou índice de indeterminação do sujeito. A observação fez-se em estrutura dissertativa, cujo contexto favorece tal emprego. A relação entre gramática e texto levou-nos a observar os mecanismos sintático-semântico-discursivos referentes ao papel do sujeito, à medida que se atribui o valor de objetividade ao texto dissertativo. A provocação para o estudo deu-se, ainda, com base na afirmação, muito presente nos materiais didáticos, de que a tipologia textual dissertativa, uma entre as possíveis estruturas do texto argumentativo, caracteriza-se pela objetividade. Por outro lado, há afirmações, na literatura sobre esse tema, que a caracterizam como marcada pela subjetividade. Duas noções que, veremos, não se excluem.

2. Hipótese levantada:

Exemplo: Esse dado poderia constituir-se como um indicador para a constituição de um *corpus* a ser trabalhado no ensino, pela sua alta frequência

de ocorrência nos textos com estrutura dissertativa e por seu papel léxico-gramatical-enunciativo que aponta para a articulação entre valores postos em oposição, tais como o valor de objetividade e subjetividade, bem como o valor de determinação e indeterminação do sujeito.

3. Análise pelos parâmetros da TOPE:

Exemplo: Ocorrência analisada:

Pode-se observar o crescimento da criminalidade no Brasil.

A TOPE contribuiu para uma reflexão acerca das dualidades paradigmáticas, tão presente nos estudos linguísticos, apontadas quer no sistema linguístico, quer no âmbito pragmático, como se dá no caso da oposição entre objetividade e subjetividade. E contribuiu, sobretudo, para o reconhecimento de que a marca “Se” relaciona-se, nos contextos considerados, com noções que são de ordem comprobatória, como, “verificar”, “observar”, “notar”, e, nesse sentido, objetivariam a proposição em causa. No entanto, tais noções comprobatórias são modalizadas pela ordem do possível, à medida que se relacionam com o modalizador “poder”, marca que as enfraquece quanto à discretização de uma ocorrência. E, paralelamente a essas operações, o “SE” deixa em aberto a noção “sujeito” na qual se ancoraria ou se localizaria a noção comprobatória, tornando-a ainda mais fraca quanto a sua discretização.

4. Reconfiguração do Corpus inicial

Exemplo: Foram selecionadas as ocorrências em que a marca “Se” associa-se ao modal e a verbos com noções comprobatórias, assim representadas:

Pode + se + observar; verificar; notar + X

5. Confirmação da Hipótese levantada:

Exemplo: Construção de um Subcorpus 2 a ser trabalhado na escola

Pretendemos, com isso, oferecer um material de trabalho voltado para a produção de texto, de modo que o professor possa explorar as articulações entre as clássicas polarizações nas quais se apoiam as tipologias textuais (objetividade e subjetividade), bem como as classes gramaticais (sujeito agente e paciente, sujeito determinado e indeterminado), observando, assim, a relação entre a gramática e a produção-interpretação de texto, e o movimento entre a estabilidade e a plasticidade linguística. Supomos, por meio dessa prática

linguística, a possibilidade de se operarem mudanças linguístico-cognitivas significativas nos alunos.

Em síntese, temos a intenção de compor um *corpus* que se constitua por ser um material de reflexão e aplicação ao professor de modo que ele repense a forma de abordagem da marca “SE”, observando-a na relação léxico-gramatical-discursiva, libertando-se, assim, de categorizações quer gramaticais quer textuais, e vendo-as enquanto uma unidade. A partir das ocorrências seriam propostas relações parafrásticas por meio das quais seria possível concluir que a questão da apassivação e da indeterminação não são excludentes; o mesmo ocorrendo com as noções de subjetividade e objetividade (ONOFRE, 2009).

SUBCORPUS 3: a (in)discretização das noções enunciativas

A terceira frente de levantamento de *corpus*, que identificaremos como *subcorpus 3*, diferencia-se das duas anteriores pelo fato de não partir de uma determinada marca gramatical para se compor, mas de um conjunto de noções enunciativas (qualificação-quantificação ou determinação-indeterminação; transitividade-causalidade; modalidade; tempo-aspectualidade) identificadas no processo de instauração das Situações Enunciativas em causa (Sit^o< Sit¹< Sit²...) como ocorrências em deslocamento do conjunto, e como tais devem ser retomadas e (de)formadas pelo autor. É importante observar que tais ocorrências não devem ser vistas como erros, mas como dados a serem trabalhados pelo professor-aluno.

A observação pretende chegar a ocorrências que se colocam entre o erro e a criatividade linguística compondo, assim, um *corpus* referencial a ser trabalhado com os alunos.

1. Seleção de produções de textos:

Exemplo: Narrativas escritas, de alunos de 6º e 7º anos do ensino fundamental, nas quais se identifica a presença de marcas léxico-gramaticais-enunciativas em desacordo com a estrutura em foco, à medida que tais marcas são apontadas como características da estrutura dissertativa.

2. Dado levantado nos textos analisados:

Exemplo: A identificação de ocorrências típicas linguístico-enunciativas (léxico-gramaticais), presentes em textos de alunos, que se caracterizam como um deslocamento quer da ordem de qualificação-quantificação, modalização, transitividade (diátese), temporalidade-aspectualidade, deslocamento esse reconhecido no conjunto da situação enunciativa instaurada. O deslocamento a que fazemos referência aqui será apresentado entre as marcas léxico-

gramaticais características de estrutura narrativa, de um lado, e, de outro, de estrutura dissertativa.

3. Hipótese levantada:

Exemplo: Esse dado poderia constituir-se como um indicador para a constituição de um *corpus* a ser trabalhado no ensino, tanto pela sua alta frequência de ocorrência quanto por se caracterizar como um deslocamento enunciativo dentro da tipologia narrativa. Esse fato leva-nos à hipótese de que tal deslocamento aponta para uma possível fronteira entre gêneros ou tipologias textuais e, assim, deve ser explorado no sentido de se observar o movimento gerador dos gêneros discursivos ou tipologias textuais, anteriores às suas estabilidades tão trabalhadas no ensino como lugares estanques.

4. Análise pelos parâmetros da TOPE:

A análise e a ocorrência que apresentamos abaixo é parte do *corpus* da dissertação intitulada “A produção de textos no ensino de língua: da constituição dos enunciados à constituição dos planos enunciativos” apresentada por Galli (2013) sob nossa orientação, que teve como tema de pesquisa os deslocamentos enunciativos, evidenciando a linha tênue entre determinadas marcas léxico-gramaticais-enunciativas e certos gêneros discursivos.

Exemplo: Ocorrência analisada:

Esse gesto mostra que não vale a pena ser egoísta, pois pode ter gente precisando do seu gesto de solidariedade. O que é solidariedade quando você ajuda o próximo, quando você fica com o bem.

Tal ocorrência é parte do seguinte texto de um aluno do 6º ano do ensino fundamental:

Solidariedade

*Num belo dia de sol, todas as crianças saem para fazer um passeio na cachoeira. Na ida, viram vários mendigos e pensaram: a gente com tanta fartura e eles não têm nem um pedaço de pão pra comer. As crianças falaram para os seus pais darem a cesta do piquenique, porque não iria fazer falta. Os pais, admirados com o gesto dos seus filhos, entregaram a cesta e doaram coisas que não serviam mais como roupas, calçados e uma boa quantia de dinheiro, e doaram também pela criança esperança. **Esse gesto mostra que não vale a pena ser egoísta, pois pode ter gente precisando do seu gesto de solidariedade. O que é solidariedade quando você ajuda o próximo, quando você fica com o bem.** (GALLI, 2013, p. 63)*

A TOPE contribuiu para a identificação dos dois eixos enunciativos que compõem o texto, e possibilitou observar que o excerto traz marcas léxico-

gramaticais que constituem um conjunto de indeterminações referentes ao sujeito, à modalização, ao tempo, ao espaço, e, nesse sentido, não há discretizações. Essas marcas são características da estrutura dissertativa ou argumentativa e contrapõem-se ao conjunto que antecede tal ocorrência e que se caracteriza pelas determinações e discretizações de sujeito, tempo e espaço, próprias da narrativa. Essa mudança do eixo de determinação para a indeterminação é o que chamamos de deslocamentos enunciativos, e é o ponto central a partir do qual pretendemos explorar o processo gerador das tipologias textuais.

5. Configuração do Corpus:

Exemplo: Esse caminho exposto, por não partir de uma dada categoria gramatical, apresenta a dificuldade de delimitação de *corpus*, uma vez que o ponto de partida são as noções (de qualificação-quantificação, de transitividade etc), e desse modo, iniciamos com uma observação bem aberta, que será delimitada pela própria noção em causa na ocorrência selecionada.

6. Confirmação da Hipótese levantada:

Exemplo: Construção de um *Subcorpus* 3 a ser trabalhado na escola;

Pretendemos sensibilizar os analistas (professor-aluno) para as possíveis organizações léxico-gramaticais, suas possíveis formatações, responsáveis por gerar determinadas estruturas textuais mais ou menos estabilizadas. Nesse caso, pretendemos mostrar quais mecanismos enunciativos são responsáveis por caracterizar a estrutura narrativa e, ao mesmo tempo, demonstrar que essa estrutura, ao sofrer outra modulação enunciativa, descaracteriza-se como tal, passando a caracterizar-se, então (nos casos aqui observados), como uma estrutura argumentativa. Pretendemos mostrar, ainda, que, sob essas possíveis modulações enunciativas, que se estabilizam nas estruturas narrativas, de um lado, e de outro, argumentativas, há um lugar invariante, que possibilita o movimento de estabilização e desestabilização das estruturas textuais. À medida que o aluno observa essas possíveis modulações, acreditamos que ele possa compreender melhor os discursos tipificados e suas subversões, naturais na atividade de linguagem.

Em síntese, podemos dizer que essa proposta de constituição de *corpus* sustenta-se na possibilidade de se apontar a linha tênue entre respectivas marcas léxico-gramaticais-enunciativas e os gêneros discursivos bem como suas subversões, explorando a proximidade entre o erro e a criatividade linguística. Essa questão tornou-se referencial para a composição de *corpus* a ser explorado no ensino.

Considerações Finais

Pretendemos, no texto apresentado, fazer uma exposição da pesquisa que desenvolvemos e, especialmente, pôr em discussão uma proposta teórico-metodológica que nem sempre atende às diretrizes tradicionais de constituição de *corpora*. Os fundamentos da TOPE, teoria em que nos pautamos, sustentam-se na articulação entre a atividade de linguagem e as línguas, considerando, conforme expusemos acima, a relação entre fatores cognitivos e linguísticos, fato que os colocam em consonância com os princípios construtivistas. A produção linguística, como resultante de traços psicossociais, caracteriza-se por ser ao mesmo tempo estável e plástica, e, nesse sentido, ao assumirmos a tarefa de analistas sob tal perspectiva, podemos instalar-nos tanto na direção do estável ao plástico, como no movimento contrário. Tal tarefa, que responde a um parâmetro teórico-metodológico linguístico, vai ao encontro de outra, que consiste em oferecer subsídios para que se adotem princípios enunciativos no ensino de língua, tal como defendemos, tendo em vista refinar a capacidade de linguagem dos alunos. Propomos, assim, uma ponte entre a linguística e o ensino de língua. Esse contexto traduz-se na composição de *corpora* que apresentamos acima que se faz com o objetivo de se constituir um material pedagógico que se caracterize por apresentar tópicos gramaticais de forma operatória com base nas noções de quali-quantificação, transitividade-causalidade, modalização, tempo-aspectualização. Esses *corpora* distinguem-se à medida que são gerados com base nas produções textuais dos alunos, desde que se mostrem como ocorrências típicas recorrentes e sejam reconhecidos como casos linguísticos que traduzem a emergência de um dizer, aos quais atribuímos, portanto, um lugar fronteiro entre o erro e a criatividade linguística. Dessa forma, o trabalho proposto sustenta-se pela teoria, dita, dos observáveis linguísticos que opera entre os estáveis e variáveis linguísticos, o que julgamos produtivo ao ensino-aprendizagem de língua. É de se ressaltar que o nosso *corpus* delinea-se, paralelamente, ao desenvolvimento da análise, o que não significa que o moldamos ao nosso interesse, e sim, que observamos as relevâncias, damos contornos às inferências por meio da análise. O que queremos dizer é que, na perspectiva adotada, o *corpus* somente se delimita depois de desenvolvida a análise.

REFEREÊNCIAS

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: operations et representations. Paris: Ophrys, 1990. v. 1.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: formalisation et opérations de repérage. Paris: Ophrys, 1999a. v. 2.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999b. v. 3.

GALLI, G. E S. **A produção de textos no ensino de língua**: da constituição dos enunciados à constituição dos planos enunciativos. São Carlos: UFSCar, 2013. 117 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de São Carlos, 2013.

ONOFRE, M. B. **Ensino de línguas e produção de textos**. Dinamicidade dos arranjos léxico-gramaticais. In: REZENDE, L. M.; DIAS-DA-SILVA, B. C.; BARBOSA, B. J. (org). *Léxico e gramática: dos sentidos à construção da significação*. *Trilhas Linguísticas*, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

ONOFRE, M. B e SOSSOLOTE, C. R. C. In: *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 44 (2): p. 637-646, maio-ago. 2015.

REZENDE, L. M. Atividade epilinguística e o ensino de língua portuguesa. *Revista do GEL*, S. J. do Rio Preto, v. 5, n. 1, p. 95-108, 2008.

Recebido em 10/08/2016. Aceito em: 21/10/2016